

Capítulo 1

Um postal de Audrey Hepburn

Tom aprendera com José Quintero que não se deve roubar pão — o motivo é de ordem religiosa; e que dirigir uma peça ou um filme é procurar algo de tímido e interior, escondido nos bosques do nosso ser.

Era o começo do Outono e as folhas desprendiam-se das árvores; à noite fazia frio. No teatro, fazia sempre frio. Tom tinha visto tantas raparigas a lerem o papel, que começava a sentir-se aborrecido. Uma das actrizes profissionais do primeiro dia...

A rapariga foi a última da tarde. Ele viu-a atravessar a sala e subir para o palco sem grande interesse. Era bonita, o cabelo louro comprido, o corpo magro, vestia um casaco preto de cabedal que tirou antes de sentar-se. Por baixo vestia uma T-shirt branca, sem mangas, e uma saia preta que lhe ficava alguns centímetros acima do joelho. Botas pretas. Parecia cansada.

Tom conhecia aquele cansaço. Não era o cansaço de quem trabalhara muito naquele dia, de quem trabalhara muito na véspera, mas a simples dor de estar vivo. Devia ter vinte e nove ou trinta anos. Ele conseguia ver a sua história nos olhos cor de ave-lã. O trabalho num bar para pagar os estudos, um ou dois bons

papéis, inúmeras audições e depois nada. Pequenos papéis em peças que saíam de cartaz ao fim de umas semanas e nada.

Ela enganou-se logo no princípio do texto, riu de forma pouco natural e pediu para começar de novo. Kevin, sentado numa cadeira à sua frente, sorriu-lhe com um ar encorajador.

Tom gostava do seu riso, gostava muito da sua voz. Se houvesse um pequeno papel, poderia considerar o assunto, mas a peça só tinha duas personagens. Duas horas num único cenário, dois actores, nenhum intervalo. Os actores tinham de ser muito fortes... Kevin era sempre bom, ele sabia disso, mas de certa forma a actriz era mais importante.

Ela estava a ler de novo, a voz ainda insegura. E então, quase sem se dar conta, Tom começou a vê-la.

Não era uma verdadeira loura. O seu cabelo era castanho. Os seus olhos, os seus olhos cor de avelã, tinham muito de verde. O cabelo castanho, um corte diferente, um vestido verde, solto e um pouco abaixo dos joelhos, sapatos pretos, rasos.

Sentiu percorrê-lo uma forte excitação. Sim, aquele podia ser o seu rosto. Longo e de traços correctos, as maçãs do rosto altas, os lábios carnudos com um resto de batom. Conservava um ligeiro bronzeado do Verão, não só no rosto mas nos ombros, no peito, nos braços. Havia nela alguma coisa de Audrey Hepburn. E se havia alguma coisa, ele podia inventar o resto.

Tom fez um sinal a Ed, que interrompeu a rapariga.

Ela ergueu os olhos, e Tom reconheceu o desânimo neles. Estava tão absorvida na leitura do texto que quase esquecera o que a rodeava. Mas já ouvira centenas de vezes aquele agradecimento seco, que significava o fim de qualquer esperança.

Não desta vez, pensou ele.

— Podia levantar-se? — pediu.

Ela olhou na direcção dele e Tom viu-a estremecer.

— Claro.

A sua forma de estar de pé.

Perguntou-lhe de onde era; mas só queria vê-la. Uma pequena cidade do País de Gales. Parecera-lhe reconhecer o sotaque.

— Há quanto tempo vive em Londres?

— Há catorze anos.

Levantou-se também e aproximou-se dela. Tinham a mesma altura.

— Há alguma coisa de que goste particularmente em Londres?

Ela hesitou por um momento e depois riu.

— Os narcisos amarelos em Março.

— As primeiras flores da Primavera.

— Sim.

— Que mais?

— A montra de Marchpane Children's Books.

— Cecil Court.

— As aguarelas de Turner.

— O princípio da cor...

— E um certo Bonnard na Tate.

— Qual?

— Uma rapariga de pé. A mesa com uma jarra de flores vermelhas. A janela e um terraço lá fora.

— E um gato.

— Dois gatos.

— E gosta do rio...

— E gosto do rio.

Tom acendeu um cigarro. Sim, podia ser ela. A sua excitação aumentou, mas sorriu-lhe com frieza.

— Nós entramos em contacto consigo.

Ela ficou imóvel por instantes. Depois pegou no casaco e pôs a bolsa preta ao ombro. Afastou-se e Tom seguiu-a com os olhos. Quando estava quase a chegar à porta, ele teve a impressão de que coxeava.

Kevin também tirara do bolso o maço de cigarros.

— O que pensas dela? — perguntou Tom.

— Gosto dela.

Ed levantou-se.

— Não tem muita experiência.

— Não.

— Continuo a pensar que uma do primeiro dia...

Tom passou a mão pelos olhos.

— Ela ainda está muito longe do que eu quero. Mas tenho um pressentimento...

— Os teus pressentimentos são quase sempre correctos.

— Tenho de pensar no assunto.

E se fosse só a sua imaginação? O vislumbre da personagem que tivera quando a rapariga estava a ler. Mas as respostas estavam certas: uma casa no meio de um campo de narcisos, a criação do mundo nas aguarelas de Turner, o mistério das livrarias do West End.

E o rio.

Vestiu a gabardina.

— Dou-te a resposta amanhã.

— Lembra-te de que tem pouca experiência.

— Se eu trabalhar com ela umas semanas, estará pronta para representar Lady Anne.

— Acredito.

Tom saiu para a noite fria. O vento soprava com força nos cruzamentos das ruas, arrastando as folhas das árvores. Se fosse mesmo ela... Para esta peça, não procurava uma grande actriz. Tivera grandes actrizes antes. Desta vez pretendia algo de diferente...

Pôs as mãos nos bolsos da gabardina e começou a assobiar baixinho.

Desta vez quero the real thing. Não uma imitação barata.

Mas, se a queria mesmo, tinha de criá-la.

Ele criara-a no papel. Agora precisava de um corpo. Material para ser modelado.

Começou a andar ao longo do rio, com o vento a bater-lhe no rosto. Lembrou-se das manhãs cheias de luz e das noites de nevoeiro em que caminhara ao longo do rio, pensando na peça. Pensando nela.

“No entanto, se a pele se alonga, se torna mais fina e prestes a romper-se, o movimento desprende o malar do rosto enquanto a protuberância do osso — também ele leve, quase o despertar de uma asa — se afina na extremidade do queixo e da boca, fechando a linha curva em que, pronta para dar o salto, se resguarda e perfila.”

A rapariga era natural do País de Gales. Dir-lhe-ia para não disfarçar o sotaque. E claro que podia fazer pequenas alterações na peça. Na verdade, ainda não deixara de trabalhar no texto.

Afastou-se do rio e dirigiu-se para uma estação de metro. O som dos seus passos na plataforma deserta. Estava ansioso por voltar a casa e sentar-se à secretária a trabalhar.

De repente lembrou-se de que ela coxeava ao sair do teatro. Ou teria sido só impressão sua?

De qualquer forma era uma ideia perturbadora.